

brasileira, pelo contrário, ele passou a ser mais excluído. Com a chegada da República e a modernização das cidades, os negros foram empurrados à margem das grandes cidades.

Se pararmos para analisar as favelas no Brasil tem cor, os presídios tem cor. A cor negra é predominante nestes setores da sociedade, o negro é discriminado, marginalizado. Enquanto que a cor branca é exaltada e valorizada. Nossa sociedade ainda busca um branqueamento, que não é um branqueamento apenas físico, mas também um branqueamento moral e social.

Branqueamento este, que foi buscado na sociedade brasileira em fins do século XIX e início do século XX, baseado nas ideias racistas de Gobineau. Buscou-se branquear a sociedade brasileira, para isso, incentivou-se a imigração europeia e posteriormente japonesa. A própria abolição da escravidão os colocou às margens da sociedade, mantendo-os em condições de extrema pobreza. Acreditava-se na época, que os negros, aos poucos, seriam extintos da sociedade brasileira, devido a mortalidade infantil, desnutrição, doenças, mazelas sociais e também através da miscigenação.

A miscigenação, por sua vez, nasce como uma solução para acabar com o grande problema da população que vivia em atraso. Pois, de acordo com as teorias racistas da época, o Brasil era atrasado porque a maioria da população era negra. Desta forma através da miscigenação seria injetado “sangue branco” na população e desta forma se conseguiria branquear a sociedade brasileira. Não se pensava na suposição que a mestiçagem pudesse gerar o “enegrecimento” da população.

Outra forma de se tentar embranquecer o país foi o incentivo à imigração europeia e posteriormente japonesa. A vinda de europeus para o Brasil era incentivada e financiada pelo governo brasileiro, enquanto que se buscava através de leis proibir a vinda de negros. Um “projeto de lei apresentado em 28 de julho de 1921 pelos deputados Cincinato Braga, de São Paulo e Andrade Bezerra, de Pernambuco, que estabelecia cotas para o ingresso de asiáticos, e simplesmente proibia a entrada de imigrantes negros no país”. (OLIVEIRA, 2008, p. 9)

O século XIX foi o século em que nasceu a ideologia racista. O racismo científico, produzido pela antropologia, sociologia e outras ciências do século XIX, procura explicar biologicamente as características físicas dos homens.

A ideologia racista nasceu no século XIX, no exato momento em que os europeus necessitavam de justificativas para a exploração de povos “diferentes”. Os europeus acreditavam que o colonialismo imperialista transmitia o progresso econômico e cultural. Africanos e asiáticos eram encarados de forma etnocêntrica como bárbaros e primitivos, enquanto os europeus se consideravam em missão civilizadora. (OLIVEIRA, 2008 p.5-6)

Vários intelectuais brasileiros durante o século XIX compartilharam dos pensamentos racistas. As ideologias racistas estão presentes nas obras de inúmeros e influentes pensadores brasileiros. Dentre eles: Euclides da Cunha, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Paulo Prado, Gilberto Freyre.

Quanto aos traços físicos sabemos que ainda são responsáveis por discriminação. “Certos traços físicos como o formato, o tipo de cabelo e a coloração da pele se transformam nas principais variáveis de discriminação” (SCHWARCZ, 2000, p.113). Desta forma, não podemos dizer que no Brasil não existe racismo, talvez tentamos escondê-lo, mas ele está presente em nossa sociedade, podemos dizer que ele está dentro de cada um de nós.

No Brasil, país em que o preconceito racial é, a um só tempo, difuso e dissimulado, os traços físicos dos descendentes de africanos são sistematicamente desvalorizados. A expressão ‘cabelo ruim’, por exemplo, denota exatamente esse tipo de desqualificação. Na medida em que há uma identificação entre beleza e riqueza, a miséria, conforme bem notou Oracy Nogueira, é menos surpreendente em negros do que em brancos”. (OTTA & QUEIROZ, 2000, p.61)

O antropólogo Oracy Nogueira diz que aqui no Brasil o “preconceito é de marca”, pois se exerce a partir dos traços físicos dos indivíduos.

Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 2006, p.292)

A questão étnica no Brasil vem sendo estudada por outros autores como João Baptista Borges Pereira, que afirma que aqui no Brasil os que não são brancos são considerados de sangue ruim e diz ainda que “o sangue ruim simboliza a ‘inferioridade’ de uma raça em relação a outra, partindo de uma visão extremamente biologizada, racista”. (PEREIRA, 2000, p. 79)

A sociedade brasileira, nos dias atuais, está baseada em valores culturais que foram herdados ainda do período colonial. A sociedade mudou, se modernizou, e, atualmente, as pessoas estão cada vez mais preocupadas com a aparência, com a beleza, com a imagem. Sociedade contemporânea esta que Guy Debord classifica como sociedade do espetáculo, na qual “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediatizadas por imagens”. (DEBORD, 2003, p.9)

A mídia e a propagação de uma beleza branca

A televisão, os livros, a internet, as revistas, o cinema, as músicas, enfim, a mídia como um todo, está em constante relação conosco. Desta forma, nosso corpo está em constante interação e literalmente atravessado pelos modelos idealizados e mostrados pela mídia. “somos constantemente bombardeados por informações que nos chegam principalmente através da mídia e que nos ensina como devemos nos relacionar com o mundo, informações que se pretendem verdadeiras e universais” (ANDRADE, 2008, p.109). A mídia nos mostra as tendências da moda, as roupas, o corte de cabelo, a cor do cabelo, as cores, tudo que está dentro dos padrões de beleza ditados pela sociedade.

Sandra dos Santos Andrade em seu texto: “Mídia impressa e educação de corpos femininos” analisa as revistas voltadas para o corpo feminino, tanto infantil como adulto e diz que podemos pensar essas revistas “como um artefato pedagógico que exerce poder sobre as mulheres e meninas, ensinando técnicas de como lidar com o corpo. [...] repetindo receitas e dicas para atingirem aquele corpo que é representado pela mídia como ‘ideal’” (ANDRADE, 2008, p.110)

Mary Del Priore (2001) fala que entre o final do século XX e início do XXI perdura uma submissão feminina só que, na contemporaneidade, as mulheres estão submissas a mídia e a publicidade. Submissão que faz com que diariamente elas busquem a tarefa de estar belas, jovens e magras. Ainda afirma que o modelo de Giseles, Xuxas e Veras apresentados pela mídia parece não deixar opção às mulheres.

Um discurso midiático bastante utilizado pelas mulheres são as revistas. Analisamos as edições dos últimos quinze anos de uma importante revista brasileira, a revista *Veja*. Podemos ver estampando as capas, imagens de famosas que são tidas pela mídia como lindas. Destacamos as capas e trazem mulheres brancas e loiras como Gisele Bundchen, Ana Hickman, Xuxa e Angélica estão nas capas das revistas e tem grandes destaques nas matérias, as matérias contam suas vidas mas sobretudo destacam suas belezas e a cor de suas peles.

Gisele Bundchen estampa a capa da revista em duas edições, a primeira vez em 1999 e a segunda em 27 de novembro de 2002 a qual traz a matéria intitulada “ O furacão chamado Gisele”. Nas matérias, presente no interior das revistas, as autoras Anna Paula Buchalla e Paula Neiva tentam explicar como Gisele se tornou uma “modelo única” e destacam além de suas medidas “ os olhos azuis e a farta cabeleira dourada”. (p.108) Mais que isso, segundo as autoras a cor da pele, cabelos e olhos junto com as formas perfeitas fazem Gisele ofuscar quem está ao seu lado.

A apresentadora Xuxa Meneguel é outra branca de cabelos loiros que se destaca no cenário nacional. A edição 1744 de março de 2002 da revista *Veja*, traz na capa a imagem de

Xuxa. A matéria do autor Ricardo Valladares intitulada “Nunca houve uma mulher como Xuxa”, fala de seu sucesso financeiro e destaca que ela sempre usou sua imagem para enriquecer.

A edição 1837 de 21 de janeiro de 2004, publica Daniela Pinheiro e trouxe o título “O que torna você sexy?”. A autora mostrou quais os tipos físicos de mulheres preferidos pelos homens brasileiros, e mostra as famosas que tem as características físicas unânimes entre o público masculino. As famosas citadas foram as brancas e loiras Gisele Bundchen, Carolina Dicc kenn e Fernanda Lima.

A revista *Veja* exalta a beleza dessas famosas de tal forma que acabam popularizando um ideal de consenso de que elas são lindas e bem sucedidas porque são brancas e, por vezes, loiras. Desse modo as mulheres, de um modo geral, passam a copiar a cor de seus cabelos, suas roupas, dietas, comportamento e atitudes. “ Já é uma tradição, por exemplo, copiar o padrão das chamadas celebridades”. (ARAÚJO, 2008, p.114)

O discurso midiático constrói um ideal de beleza no qual a imagem aceitável de mulher é a mulher jovem, branca, cabelos lisos e loiros e um corpo magro e atlético. Não possuir os padrões mostrados e requeridos pela mídia faz com que muitas mulheres desenvolvam um sentimento de insatisfação consigo mesmas e se sintam culpadas por não se enquadrarem nestes modelos apresentados.

Enquanto a mídia e a publicidade exaltam a beleza branca, promovem a exclusão da beleza negra, já que excluem os cabelos crespos dos padrões estéticos.

O padrão de beleza publicitário estaria excluindo os negros, uma vez que as imagens excluem uma característica física que é comum aos mesmos, ou seja os cabelos crespos. O que se exhibe massivamente são os cabelos lisos ou levemente ondulados. Nessa política de exclusão de imagens, incentiva-se o consumo de vários produtos que se dizem capazes de mudar o aspecto do cabelo. (ARAÚJO, 2008, p. 100)

Racismo e desvalorização da mulher negra

O racismo tem suas origens na Europa, Os portugueses colonizadores cheios de preconceitos se relacionavam fisicamente com as índias e posteriormente com as negras mas não estavam livres de preconceitos raciais, como afirmou Freyre. Uma vez que, eles não constituíam famílias com elas, nem ao menos assumiam a paternidade de seus filhos com as índias ou negras.

A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixar de serem relações – as dos brancos com as mulheres de cor – de “superiores” com “inferiores” e, na maioria dos casos,

de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. (FREIRE, 2003, p.36)

A relação do colonizador com a mulher negra era apenas sexual, o uso da negra era apenas como objeto de prazer. Esse, dentre outros hábitos, contribuiu para a desvalorização da mulher negra ou mulata nos dias de hoje. É comum, na sociedade brasileira, os homens e jovens, sobretudo os de classes mais favorecidas, explorarem o corpo feminino, o corpo negro como se a eles pertencessem. Algumas mulheres negras ao exercerem trabalhos domésticos em suas casas são tratadas com o desrespeito que a sociedade brasileira construiu ao longo de séculos voltada para uma visão preconceituosa de mundo. O corpo da “mulher de cor” também foi e é desvalorizado e comercializado por exploradores sexuais que lucraram e lucram com a compreensão destes corpos como simples objetos:

Vive-se aí uma cultura e sociedade extremamente sexualizadas em todos os sentidos, inclusive no da violência, enquanto que a imagem da “sexualidade-tropical-do-sul-do-Ecuador” não deixa de ser muito estimulada pelas indústrias do turismo, na exportação das mulatas sensuais, do samba, do carnaval, do “tchan” e de tudo aquilo que é muito bem conhecido como o imaginário do Brasil tropical. (RAGO, 2006, p.7)

A mídia também contribuiu para essa desvalorização do corpo negro. No carnaval, as mulatas ganham maior destaque nas propagandas publicitárias. A imagem da mulata é mostrada como sinônimo de beleza e samba no pé, como se todas as negras fossem obrigadas a saber sambar. A garota “globeleza”, por exemplo, é mulata e não loira. A mídia acaba vendendo aos outros países uma imagem do Brasil como o país do carnaval, do samba e da mulata “gostosa”, no qual os estrangeiros podem vir e se deliciar com o clima tropical e com consumir, também, as mulatas.

Pior que a desvalorização do outro é a própria desvalorização do eu, a escravidão e os discursos racistas continuam contribuindo para a submissão da mulher negra e sua autodesvalorização. Causando um auto racismo no qual, quando o indivíduo não se aceita como é e se sente inferior e culpado.

A mulher negra quando passa a ser vista apenas como objeto sexual, não são vistas como grandes lutadoras que sempre foram. Na época da escravidão as negras trabalhavam como lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, quituteiras e outros serviços. Após a abolição continuaram trabalhando para conseguirem sobreviver, mesmo com todas as injustiças como explica Del Priore: “As mulheres negras, após a abolição, continuaram, por sua vez, trabalhando nos setores mais desqualificados e recebiam salários baixíssimos”. (DEL PRIORE, 2001:22)

O racismo no Brasil é algo tão naturalizado que as pessoas não se percebem e não se dizem racistas. O racismo está presente em todos os setores da sociedade, bem como nas relações sociais. É algo tão corriqueiro que muitas vezes passa despercebido entre nós, por meio de piadas e atitudes disfarçadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos culturais vivenciados no Brasil desde o período colonial, assim como a escravidão, a miscigenação e a ideologia do branqueamento contribuíram para aumentar o complexo de “superioridade” branca e “inferioridade” negra. Contribuiu desta forma, para que as pessoas acreditem em um ideal de beleza branco e europeu.

O mercado de cosméticos desempenha grande papel nesta busca pela beleza. As tinturas, os descolorantes possibilitam as mulheres conquistarem a cor do cabelo desejado. Assim como as loções e hidratantes para a pele, que prometem deixar a pele mais limpa e clara, tirando os danos causados pelo sol.

O discurso midiático nos mostra os conceitos seus de beleza e sensualidade. Ele dita regras e faz com que as mulheres busquem alcançar o ideal de beleza mostrado nas revistas, nas novelas, nos filmes, nas propagandas. A mídia, enquanto produtora de informação, modela nossos corpo e nossos comportamentos, nos ensina a consumir um padrão de beleza que muitas vezes não tem nada a ver com nosso tipo físico. A mesma mídia que diz quais padrões físicos são aceitáveis, determina que as mulheres que não se enquadram dentro destes padrões de beleza são feias, malcuidadas, relaxadas.

Ser branca e loira é bem mais do que ter o cabelo loiro e a pele clara. A mulher loira, por exemplo, estar associada ao poder de sedução. Há todo um fetiche associado a mulher loira, que foi exposto nos filmes hollywoodianos.

No século XXI, ao contrário do que se queria com a ideologia do branqueamento, os negros e as negras não foram exterminados. Os jovens afrodescendentes lutam para conquistar direitos e contra a exclusão social, o racismo, e a segregação racial, cultural e social. Muitos jovens negros, hoje, não sentem mais vergonha de serem negros, sentem-se orgulhosos de sua cor, de sua cultura.

A beleza da pessoa negra vem ganhando, nos últimos anos, maior visibilidade e aos poucos conquistam espaço na moda e na mídia, cada vez mais pessoas estão se aceitando

como são e usando os cabelos blacks. Aos poucos vemos modelos, atrizes, cantoras negras se destacando no cenário nacional.

Vivenciamos hoje, a criação de políticas públicas que buscam diminuir o sofrimento deste segmento étnico, que tanto sofreu em anos de injustiças sociais. O sistema de cotas nas universidades, ganharam visibilidade no Brasil, a partir dos anos 2000 e visam garantir o acesso à educação superior aos negros que durante anos foram proibidos de estudarem no Brasil. Assim como a Lei 10.632/ 2003 torna obrigatório que as escolas implantem no seu currículo a cultura afro-brasileira, para que as crianças e adolescentes conheçam e valorizem a cultura afro-brasileira, para que possam se identificar com esse grupo. Principalmente para que possam aprender a respeitar as diferenças e por fim ao racismo.

Será mesmo que a mulher branca é mais bela que a mulher negra? O cabelo liso é mais bonito que o cabelo crespo? Ou será que essas ideias são resultados dos padrões estéticos que foram construídos no Brasil?

HISTORIES OF COLOR AND BEAUTY? OR CHOICE FOR WHITE PATTERN IN BRAZILIAN SOCIETY?

Abstract: Our work intends to discuss how Brasil has built the ideal of beauty from stereotypes. Such stereotypes have contributed to create an ideal pattern of beauty, in which white women are considered the most beautiful ones. We can observe strong preference for white women, and its presence has been portrayed into music, novels, poetry, magazines, and general media. In country that has its History marked by years of slavery and discrimination, color is not only aesthetic matter, but also a social and cultural issue. Skin color is a question status and hierarchy. Hence we emphasize mediatic influence power as it can beauty ideals, to this achievement, we analyze highlighted in the covers of *Veja Magazine* from the last fifteen years. These magazines, commonly have brought on cover photos famous white women.

Keywords: Beauty; Body; Media.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. “**Espelho meu, agora a mais bela sou eu**” : cartografias da história da beleza no Brasil. Recife : O autor, 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco.

ANDRADE, Sandra dos Santos. “Mídia impressa e educação de corpos femininos”. In: GOELLNER, Silvana Vilodre ,LOURO, Guacira Lopes & Felipe, Jane (org). “**Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**”. 4. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BUENO, Eduardo. **A Viagem do Descobrimento: A verdadeira história da expedição de Cabral**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CAMINHA, Pero Vaz. **A carta de Pero Vaz de Caminha**.

Disponível em http://www.educatererra.terra.com/voltaire/500br/carta_caminha.htm.

Dawnload feito em 15 de julho de 2014 às 12:00 h.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2003.

Disponível em <http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>

Dawnload feito em 20 de agosto de 2014 às 20:00 h.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: contexto, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal-** 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo”. In: GOELLNER, Silvana Vilodre ,LOURO, Guacira Lopes & Felipe, Jane (org). “**Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**”. 4. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. BARBOSA, Francisco de Assis & PEREIRA, Manuel da Cunha. (colaboração). LUFT, Lya. (org.). São Paulo: Ática, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”: sugestões de um quadro de referencia para a interpretação de material sobre as relações raciais no Brasil. In: **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v.19,n.1. 2006.

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. **A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira**. Santo Antônio do Paraíso, Paraná: 2008.

Disponível em <http://www.diadiaeducação.pr.gov.br/portais/pde/arquivos/1454-6.pdf>

Dawnload feito às 21:00 h no dia 25 de setembro de 2014.

PAIVA, Eduardo França. “Corpos pretos e mestiços no mundo moderno- deslocamento de gente, trânsito de imagens”. In: AMANTINO, Marcia & DEL PRIORE, Mary. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEREIRA, João Baptista Borges. A Linguagem do Corpo na sociedade brasileira: do ético ao estético. IN: “QUEIROZ, Renato da Silva (org). “**O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

QUEIROZ, Renato da Silva & OTTA, Emma. Beleza em foco : condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. IN: "QUEIROZ, Renato da Silva (org). **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

RAGO, Margareth. "Sexualidade e identidade na historiografia brasileira" In: SILVA, Glaydson José da. **Revista aulas: Dossiê Identidades nacionais**. N.2 – Outubro/ Novembro 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **"Sempre bela"**. In: PINSK, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. "No país das cores e nomes". IN: QUEIROZ, Renato da Silva (org). **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

Revistas:

Veja. Edição 1626. 1 de dezembro de 1999.

Disponível em <http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.asp> acesso às 22:00 h no dia 18 de maio de 2014.

Veja. Edição 1744. 27 de março de 2002.

Disponível em <http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.asp> acesso às 22:00 h no dia 18 de maio de 2014.

Veja. Edição 1779. 27 de novembro de 2002.

Disponível em <http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.asp> acesso às 22:00 h no dia 20 de maio de 2014.

Veja. Edição 1837. 21 de janeiro de 2004.

Disponível em <http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.asp> acesso às 22:00 h no dia 20 de maio de 2014.

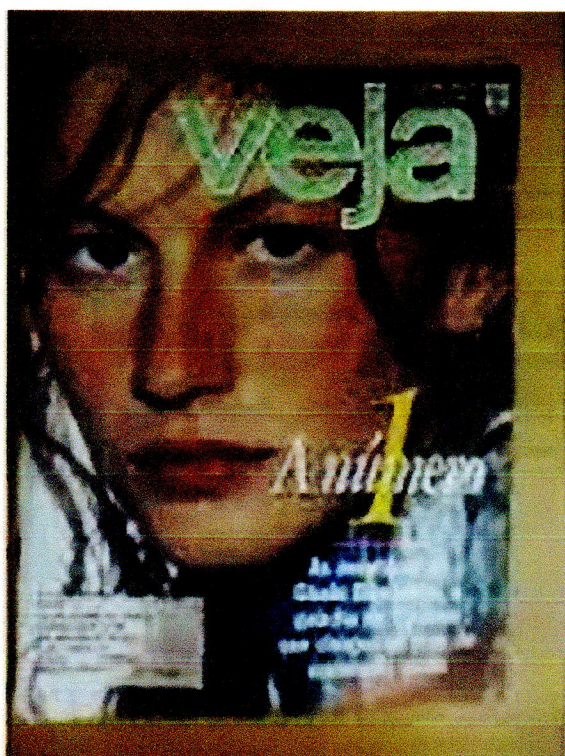


Imagem 1: capa da revista Veja edição 1626

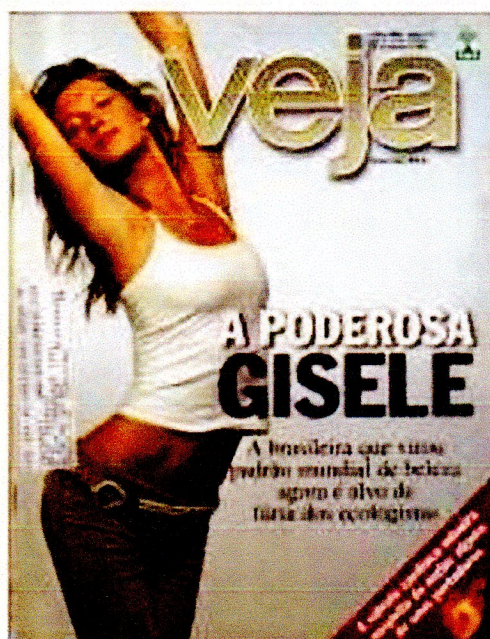


Imagem 2: capa da revista Veja edição 1779



Imagem 3: capa da revista Veja edição 1744